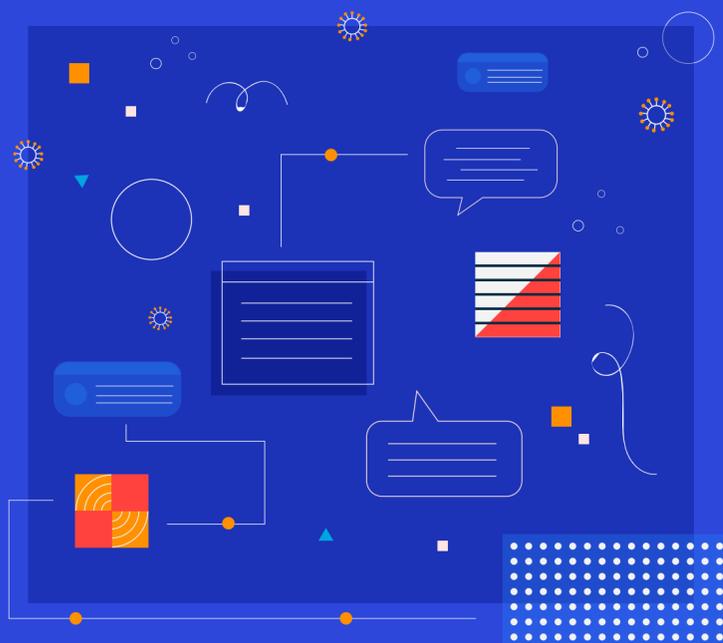


Enraizado na Confiança

Olá

► Boletim Humanitário de Rumores
#4 | MAIO 2022



Se você tiver perguntas, sugestões ou informações, fale conosco: **Isadora Starling** (istarling@internews.org), Gerente de Projeto, ou **Samilly Valadares** (svaladaressoares@internews.org), Oficial de Engajamento Comunitário e Prestação de Contas.

SAIBA MAIS: www.INTERNEWS.org



PARCEIROS:



O ENRAIZADO NA CONFIANÇA

O projeto Enraizado na Confiança (Rooted in Trust 2.0 – RIT) da Internews busca fortalecer os ecossistemas de informação e realizar atividades de aproximação, escuta e engajamento das comunidades nas temáticas de meios de informação, análise de rumores, COVID-19 e vacinação. Atuamos junto às comunidades indígenas e quilombolas dos estados do Amapá, Pará e Roraima em um processo de resposta à 'infodemia', buscando potencializar as redes de comunicação existentes para que se tornem mais seguras e saudáveis.

SOBRE ESTE BOLETIM:

Este boletim visa fornecer aos parceiros humanitários e de saúde dados sobre rumores identificados entre comunidades indígenas dos estados de Roraima, Amapá e Pará e comunidades quilombolas dos estados do Amapá e Pará no último mês, com o objetivo de orientar e informar a respeito da comunicação de risco e dos esforços de envolvimento da comunidade na resposta à crise de saúde. Apresentaremos dois rumores mapeados em grupos de Telegram no estado do Pará. A seguir, o conteúdo dos rumores e uma análise sobre seu impacto na região.

COLETADOS EM MAIO DE 2022
233
RUMORES COLETADOS

TEMA:
COVID-19

SUBTEMAS:

22

AGENDA DE VACINAS

25

TRATAMENTO/CURA

95

SEGURANÇA

39

CRIANÇAS

22

AGENDA POLÍTICA/DESINFORMAÇÃO

30

EXPERIMENTAÇÃO

CONTEXTO DA COVID-19 NO BRASIL

• **30.880.512** CASOS

• **666.180** ÓBITOS

+ 33.910 NOVOS CASOS
+ 143 NOVOS ÓBITOS

Desde o último registro no dia 25/05/2022

317,0

MORTALIDADE A CADA CEM MIL HABITANTES

De acordo com o **Consórcio de veículos de imprensa**, nos últimos **14 dias a média móvel de mortes por COVID-19 está em +10%** e indica tendência de estabilidade. E a média móvel de casos conhecidos está em estabilidade.

• **178.272.688** 1ª DOSE

• **165.639.167** 2ª DOSE/DOSE ÚNICA

• **91.218.006** DOSE REFORÇO

INDÍGENAS

• **71.593** CASOS

• **1.310** ÓBITOS

Os dados da APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil) consideram tanto os indígenas que estão localizados em territórios tradicionais como os que se encontram em contexto urbano.

Dados da APIB mostram que Roraima e Pará estão entre os cinco estados com maior número de óbitos de indígenas confirmados em todo o país.

De acordo com o censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil tem 896.917 indígenas. Desses, 8% já contraíram COVID-19.

• **375.943** 1ª DOSE

• **357.228** 2ª DOSE E DOSE ÚNICA



QUILOMBOLAS

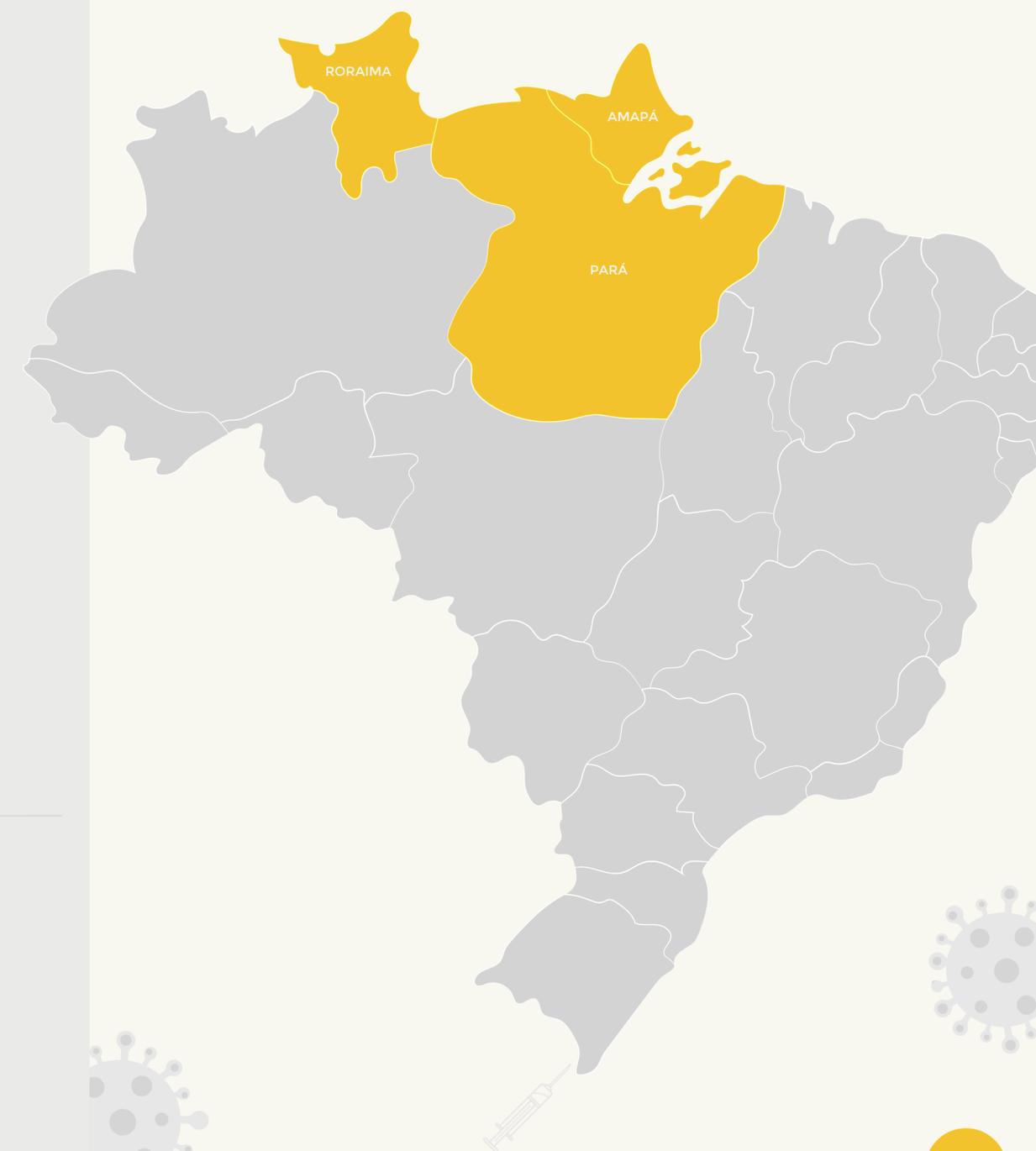
• **5.666** CASOS

• **301** ÓBITOS

• **598.171** 1ª DOSE

• **547.963** 2ª DOSE E DOSE ÚNICA

público Alvo



SEGURANÇA

Já ultrapassou da hora de nós se reunir para dar uns boas socões nesses vagabundos desses vermes desses professoários!!!!
👊👊👊👊👊👊👊👊👊👊👊👊👊👊
(sobre professor que teria atacado um aluno que estava sem máscara.

(O RUMOR FOI IDENTIFICADO EM GRUPOS DO TELEGRAM DO PARÁ)

O QUE ESTÁ POR TRÁS DO RUMOR?

O rumor apresentado traz um discurso de incitação de violência diante da manchete compartilhada por um noticiário de TV, na qual um professor da Universidade de São Paulo (USP) teria obrigado um aluno a utilizar máscara em sala de aula, conforme as normas de prevenção da COVID-19 estipuladas pela instituição.

Grupos adversos a medidas relacionadas à contenção da pandemia, repercutiram o fato. Em alguns casos, como verificado no grupo de Telegram do Pará, com incentivos a atos hostis contra professores e profissionais da área da educação. Identificados como antagonistas do presidente Jair Bolsonaro e do modo como enfrentou a pandemia no país, professores universitários, pesquisadores, cientistas e defensores de direitos humanos são, muitas vezes, apontados por esses grupos como inimigos a serem combatidos.

A retomada das aulas presenciais nas instituições de educação básica e ensino superior traz grandes desafios para gestores, professores e estudantes. Há um processo de adaptação às novas condições de ensino e relações estabelecidas no contexto da COVID-19, principalmente neste momento de flexibilização das medidas sanitárias, no qual a ânsia pela retomada das atividades se choca com o fato de que a pandemia ainda não acabou.

VERIFICANDO OS FATOS

- O **Ministério da Educação (MEC)** apresenta protocolos de biossegurança para o retorno das atividades presenciais com orientações individuais e coletivas para o funcionamento das atividades nas instituições. O artigo 207 da Constituição Federal garante autonomia às instituições federais de educação para deliberarem sobre quando e como a retomada das aulas presenciais deve ocorrer.
- A Universidade de São Paulo (USP) determinou a **continuidade do uso de máscaras** em seu interior, sem aderir ao decreto municipal e estadual sobre a flexibilização do uso em ambientes abertos e fechados.
- As **máscaras** são consideradas instrumentos de proteção para reduzir os riscos de contágio da COVID-19 e a instituição, por meio de sua **Comissão Assessora de Saúde**, tem autonomia para determinar as medidas cabíveis de cuidado e prevenção no contexto de pandemia.

POR QUE ISSO É IMPORTANTE, ANÁLISE DE IMPACTO

O rumor traz uma crítica à exigência do uso de máscaras em sala de aula desconsiderando que, mesmo com a flexibilização de algumas medidas de segurança, ainda é necessário se prevenir da COVID-19. Para além disso, o discurso de incitação de violência contra professores pode se tornar um risco para a integridade física desses profissionais em seu ambiente de trabalho. Sendo importante considerar que os conflitos não se limitam ao ambiente acadêmico.

Desde o início da pandemia, em março de 2020, a polarização política no Brasil foi apontada como um agravante para os impactos da COVID-19 na sociedade. As

incertezas em relação a saúde da população, a preocupação com os impactos financeiros e o partidarismo colaboraram para divergências nas tomadas de decisões dos governantes sobre as medidas de prevenção da COVID-19, instalando um clima ansiedades e estresses para as relações humanas.

A binaridade estabelecida entre interesses individuais ou coletivos, certo ou errado, reduzem o espaço para o diálogo e colaboram para tensões nos ambientes de convivência. As instituições de ensino que deveriam ser um local seguro, de cuidado e aprendizados acabam se tornando também um local de reprodução de violências.

“

Nós, alunos, fomos muito afetados pela pandemia, voltamos para a sala de aula muito ansiosos, com inseguranças para estabelecer relações, apresentar trabalhos, interagir uns com os outros. A pandemia afetou muito a relação professor-aluno, mesmo no período EAD foi possível observar as dificuldades de convivência, teve discussões entre alunos e professores nos grupos de Whatsapp, afastamento de professores, alunos se recusando a cursar algumas matérias. As pessoas se sentem mais confiantes no espaço da internet, no EAD, e essa falta de limites foi trazida para o presencial também.

”

Estudante quilombola, graduando em Ciências Sociais na Universidade Federal do Pará (UFPA), nos traz um relato sobre os impactos da pandemia para as relações estabelecidas no âmbito acadêmico.

MOBILIZAÇÃO & POSSÍVEIS AÇÕES



Além de análise de rumores, a Internews considera relevante refletir acerca das possíveis ações de resposta à “infodemia”. Sugerimos aqui algumas respostas possíveis de enfrentamento, tais como:

01.

Os estudantes se organizam coletivamente para criar estratégias de permanência nas universidades. É importante dialogar com as organizações indígenas e quilombolas nesses espaços para compreender as demandas, ansiedades e desafios vivenciados com a retomada das aulas no contexto de pandemia.

02.

É importante criar espaços de debates e de escuta mútua com as comunidades e com os estudantes sobre medos, inseguranças e pensamentos divergentes no contexto de pandemia buscando atualizar informações e sanar dúvidas sobre estratégias de diálogo e prevenção da COVID-19 mesmo com a flexibilização de medidas sanitárias.

03.

As redes sociais são canais estratégicos para fortalecer o diálogo sobre a pandemia, vacinação e medidas de prevenção, principalmente com os estudantes indígenas e quilombolas que transitam entre os centros urbanos e as comunidades.

04.

As universidades disponibilizam canais de atendimento psicossocial, assistência estudantil e informações sobre a COVID-19. Algumas indicações:

UFPA: Superintendência de Assistência Estudantil (**SAEST**) que disponibiliza plantão psicológico por videochamada e orientação pedagógica para alunos com dificuldades nos estudos.

UFRR: Serviço de atendimento psicológico gratuito para a comunidade (**SAP**)

UNIFAP: página específica com **informações sobre a COVID-19**, serviços e atendimentos na pandemia.

VACINA E REAÇÃO



Olha eu acredito que as vacinas fazem a isso a muito tempo, muitos jovens fora do normal feminados. Com CERTEZA é essa porcaria mesmo!! (vacinas deixam as pessoas afeminadas). "xô" satanás = "xô" vassassinias



O QUE ESTÁ POR TRÁS DO RUMOR?

O rumor traz uma associação que já apareceu antes no discurso público, de que a vacina pode mudar algo fundamental sobre uma pessoa, a exemplo do comentário por parte de representantes do governo de que as pessoas "virariam jacaré" ao se vacinarem. Nesse caso, no entanto, o comentário assume um caráter homofóbico pois "afeminado" costuma ser um jeito pejorativo de se referir a pessoas, principalmente homens e travestis, LGBTQIA+, que não necessariamente se conformam a estereótipos de gênero. A partir daí, o rumor se torna mais grave, pois a população LGBTQIA+ é muito vulnerável no Brasil; que aparece como um dos países mais violentos para essa população, e especialmente para pessoas trans.

Nesse sentido, trouxemos o depoimento do Presidente da Comissão de Diversidade Sexual da OAB-Pará e membro da

Comissão Nacional de Diversidade Sexual e Gênero da OAB, que demarca o quanto a estrutura social brasileira colabora para preconceitos e estigmas em relação às pessoas que fogem do padrão socialmente estabelecido.



Esse rumor é muito significativo porque, geralmente em nossa sociedade, nós emitimos uma mensagem com sobreposições de conteúdo. Então, com esse rumor você vê uma teoria da conspiração, uma falta de conhecimento, uma LGBTfobia, uma representação social a respeito das pessoas. Mas principalmente uma tentativa de justificar e desumanizar todas aquelas pessoas que fogem de um padrão socialmente e historicamente construído e que infelizmente ainda é hegemônico e norteia toda uma cultura, todo um sistema que não é apenas LGBTfóbico, mas é racista, misógino, machista e xenofóbico.



VERIFICANDO OS FATOS

AS VACINAS CONTRA COVID-19:



- **São seguras** e garantem proteção contra o vírus SARS-CoV-2.
- **Podem apresentar efeitos colaterais** que, na maioria das vezes, se manifestam de forma leve ou moderada e desaparecem em poucos dias. Tais como: febre, dor no local da aplicação, dor muscular, dor de cabeça, fadiga e calafrios.
- Não apresentam relação de causalidade ou qualquer influência sobre as construções subjetivas e identitárias das pessoas, ou seja, as vacinas são eficazes contra a COVID-19 e não exercem efeito sobre as identidades de gênero, orientação sexual ou expressão de gênero dos indivíduos.



POR QUE É IMPORTANTE?

O rumor apresenta a vacinação como causa para a característica afeminada, trazendo um discurso patologizante e estigmatizado sobre as diferentes construções e expressões de identidades. **Os sujeitos afeminados fogem da lógica binarista e heteronormativa que rege a sociedade brasileira**, onde homens não podem ser sensíveis, delicados e expressar características consideradas femininas. Na lógica patriarcal predominante, o feminino está relacionado a um lugar de inferioridade e subalternização; termos ligados à ideia de “universo feminino” são constantemente transformados em expressões com cunho de ofensa.

A narrativa do rumor se utiliza dos estereótipos de gênero e dos estigmas sociais para fortalecer o discurso antivacina e evidencia a necessidade de abordar a temática de gênero e as inúmeras violências vivenciadas pelas pessoas que não se enquadram no padrão social, principalmente no contexto de pandemia. É importante pontuar **que o preconceito com as pessoas de identidades dissidentes, com papéis de gênero que fogem ao padrão imposto - a afeminofobia** - é um marcador social que influencia os processos de construção de saúde e garantia de direitos e traz impactos individuais e coletivos.

O mais recente Anuário Brasileiro de Segurança Pública, **relatório** divulgado em 2021, mostrou que a violência

contra pessoas LGBTQIA+ e contra mulheres aumentou durante o primeiro ano de pandemia. Dados do **Disque 100**, que recolhe denúncias de violações de direitos humanos, mostraram que o lugar onde essa violência contra pessoas LGBTQIA+ aconteceu com mais frequência é justamente dentro de casa.

Com a pandemia, isolamento social e recomendações para que as pessoas fiquem em casa, muitas pessoas LGBTQIA+ perderam espaços de socialização e acolhimento – um **levantamento da Fiocruz** apontou que 55% dessa população teve piora na sua saúde mental.

O Brasil é considerado o país que mais mata pessoas LGBTQIA+. Mesmo com a criminalização da LGBTfobia, os índices de violência continuam crescendo.

Houve um aumento de 24,7% dos homicídios contra pessoas LGBTQIA+ e **crescimento de 20% nos números de ocorrências de violências em 2020**.

A média foi de 4 crimes de LGBTfobia por dia com indícios de subnotificação dos casos.

As Regiões Norte e Nordeste concentram **índices mais alarmantes de LGBTfobia do País**.

Os estados do Pará, Amapá e Roraima apresentaram crescimento nos registros de lesões corporais por LGBTfobia em 2020. Sendo que o Estado de Roraima apresentou um crescimento de 200% se comparado a 2019.

Danilo Tupinikim, integrante do Coletivo Tibira (organização formada por indígenas LGBT+) e da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), enfatiza a importância de considerar a pluralidade de povos diante do debate de gênero e sexualidade e pontua o apagamento das identidades indígenas LGBTQIA+.



Esse duplo apagamento, essa dupla violência é uma reprodução do que é o pensamento do Brasil mesmo, sabe!? Que é excludente, é racista, é LGBTfóbico. Quando a gente escuta esses comentários a gente vê o quanto a sociedade está despreparada para lidar com essa diversidade que a gente vive, que a gente é, mas que as pessoas procuram não aceitar de alguma forma. Principalmente por causa da ideia de que o Brasil é uma sociedade única, universal e que quer negar sua diversidade sendo que é impossível negar diante dessa diversidade toda e de nossa resistência e existência enquanto indígena

Brasil teve 300 mortes violentas de pessoas LGBTQIA+ em 2021

 **276 HOMICÍDIOS**

 **24 SUICÍDIOS**

1 morte a cada 29 horas

MOBILIZAÇÃO & POSSÍVEIS AÇÕES

Além de análise de rumores, a Internews considera relevante refletir acerca das possíveis ações de resposta à “infodemia”. Sugerimos aqui algumas respostas possíveis de enfrentamento, tais como:

É muito importante escutar os grupos LGBTQIA+, identificar as suas necessidades de informação e co-criar produtos de comunicação que respondam às suas prioridades, bem como ao discurso de ódio e diversas violências vivenciadas.

Como já vem sendo feito pelas instituições, é necessário trabalhar com os meios de comunicação locais e promover capacitações nas temáticas de gênero e LGBTQIA+ para que se promova diálogo em torno dos riscos e estigmas sociais com informações contextualizadas às especificidades das comunidades. Diante disso, trouxemos algumas indicações:

Coletivo **TIBIRA** – Primeira Mídia social no Brasil idealizada por indígenas LGBTQIA+. Busca fomentar um espaço de trocas de experiências e informações

sobre as demandas dos povos indígenas LGBTQIA+ diante da invisibilidade da temática no Brasil.

Manifesto coletivo **Colorindo a luta em defesa dos territórios** que foi lido no acampamento Terra Livre de 2022 durante a Primeira Plenária LGBTQIA+ e traz reflexões sobre as diversidades de demandas e r-existências indígenas LGBTQIA+.

Comitê Pró-Equidade de Gênero e Raça da Fiocruz que busca abordar as temáticas étnico-raciais e de gênero por meio de debates, ações e produções de materiais e campanhas. No contexto de pandemia realizou ciclos de debates sobre os impactos da COVID-19 e pluralidade do povo brasileiro e suas demandas.

FONTES:

- UOL Notícias - Homofobia no Brasil: crime tem aumento de 20% em um ano
- Fórum Brasileiro de Segurança - A vitimização de mulheres no Brasil - 3ª edição 2021
- Fórum Brasileiro de Segurança - Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2021